

ABERTURA, EM HEIDEGGER

Na filosofia de Heidegger, **abertura** designa a **estruturação, perceptivo-sensorial emocional ou intelectual do mundo** (*só o homem possui mundo, a ave ou o cão não têm mundo*) **efectuada a partir do ser-aí** (*cada ente humano*), isto é, o estabelecimento de «pontes» e «territórios» a partir do *ser-aí* que é cada homem, **em direcção aos entes simplesmente dados** (*casas, montanhas, rios, etc.*). Isto não significa, no plano da materialidade, **idealismo** (produção do mundo material exterior a partir da e dentro da consciência do sujeito ampliada para fora do corpo) porque Heidegger atém-se à **fenomenologia** (indissociabilidade entre consciência e objectos «exteriores», não podendo definir-se, em absoluto, o estatuto ontológico da matéria, se está fora ou dentro da mente). No entanto, **o tempo é gerado no ser-aí** (cada homem) e, como um véu em movimento, envolve os **objectos eternos intemporais** (as montanhas, as nuvens, os elefantes, o mar, etc) – nesse sentido, poder-se-ia dizer que Heidegger possui uma **concepção idealista do tempo**, absorvida de Platão e de Kant, ainda que não o reconheça nos seus escritos.

«Todo o abrir o ser enquanto *transcendens* é conhecimento *transcendental*. A verdade fenomenológica (“estado de aberto” do ser) é veritas transcendentalis.» (Martin Heidegger, *El Ser y El Tiempo*, versão espanhola, pág. 49).

«A consciência dá a compreender algo, *abre*. De esta caracterização formal surge a indicação de reduzir o fenómeno ao “estado de aberto” do “ser aí”. Esta constituição fundamental do ente que somos em cada caso nós mesmos está integrada pelo encontrar-se, o compreender, a queda e a fala.» (Martin Heidegger, *El Ser y El Tiempo*, versão espanhola, pág. 293).

«Inclusive quando a abertura do que aparece – o para-quê, para quem, de quem – não aparece no âmbito do habitual na quotidianidade (as possibilidades de que algo seja *habitual*, conhecido, são facticamente históricas) quando algo *inabitual* se introduz no mundo familiar e uma pessoa tropeça nisso, precisamente então se anuncia, no buscar demorando-se e nos seus intuitos, o carácter de abertura; a pergunta «que é isto?» costuma explicitar-se mediante um «para que se usa?», «que se faz com isto?», «para quem é isso?», «quem fez isso?»...

«O que constitui a abertura do que aparece não é, nem muito menos, uma multiplicidade de relações na qual posteriormente e de modo secundário se situará o existente que aparece, senão que, pelo contrário, o que aparece aqui e se mantém em tal existir precisamente por *meio da abertura*. (As «relações» aludidas são o envoltório.) O existente no aqui da quotidianidade não

é já o verdadeiro ente *antes de* ou *junto ao* correspondente «para algo» ou «para alguém», mas sim o seu existir, o seu estar aqui reside precisamente no seu «para»; e ainda quando isto, a abertura, pareça falhar, também então, sem embargo, o que aparece se acha *nela*: no seu estar *aí*, no meio, sendo um estorvo para a ocupação (para o trato com)... (Martin Heidegger, *Ontologia, Hermenêutica de la Facticidad*, Alianza Editorial, pp. 121-122).

ACASO

O acaso é o **inesperado, o aleatório, o que não é não regido por leis conhecidas** e o factor de inflexão ou variabilidade do efeito dessas leis. Na Grécia antiga, designava-se por *týkhe* e representava a sorte, boa ou má, enviada pelos deuses.

Mas a pergunta eleva-se: é o acaso uma realidade ontológica ou apenas uma aparência? É real ou irreal?

O acaso transforma o determinismo rigoroso em regularidade estatística. É o mais anti absolutista dos factores na *máquina mundi*. É um ingrediente da ideia de liberdade.

Para o fatalismo, o acaso é irreal, não entra na esfera do ser. Não há acaso, tudo está rigorosamente interligado pela necessidade essencial e accidental.

Uma certa percentagem de acaso entra nas malhas do determinismo concebido como princípio segundo o qual nas mesmas circunstâncias, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos. Por exemplo: vários moradores atiram-se de janelas dos últimos andares de um arranha-céus em chamas e todos caem (determinismo da lei da gravidade) e morrem, excepto um que cai em cima do toldo de um café e escapa à morte. Por isso, fatalismo e determinismo são conceitos diferentes. Segundo alguns, acaso é na natureza biofísica o que corresponde ao livre-arbítrio no comportamento humano: são ambos imprevisíveis, em certa medida.

ACASO, EM HUME

David Hume considerou haver **duas espécies de probabilidade: a que deriva do acaso e a que deriva de uma engrenagem aparentemente determinista**, isto é, em que as mesmas causas parecem produzir sempre os mesmos efeitos, nas mesmas circunstâncias.

«Por **conhecimento entendo a certeza que nasce da comparação de ideias**. Por provas, os argumentos tirados da relação de causalidade e que são inteiramente livres de dúvida e incerteza. Por **probabilidade, a evidência que ainda é acompanhada de incerteza**. É esta última espécie de que passo a examinar.»

«A **probabilidade ou raciocínio de conjectura pode dividir-se em duas espécies**, a saber, a que se baseia no *acaso* e a que nasce de *causas*. Conside-

remos uma e outra por ordem. A ideia de causa e efeito é tirada da experiência que, apresentando-nos certos objectos constantemente conjugados, produz um hábito tal de os considerar nesta relação, que não podemos sem sensível violência considerá-los em qualquer outra relação. Por outro lado, visto que **o acaso não é em si nada de real**, e, falando com propriedade, é apenas a **negação de uma causa**, a sua influência na mente é contrária à da causação; e é essencial que deixe a imaginação perfeitamente indiferente para considerar a existência ou não-existência do objecto tomado como contingente.» (David Hume, *Tratado da Natureza Humana*, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 163-164; o negrito é posto por nós).

Começemos por notar que Hume chama **conhecimento**, não a uma simples impressão dos sentidos mas, à **comparação entre duas ideias**. Isto sugere que, por exemplo, se vejo uma flor e reconheço nela uma rosa, comparo o conceito de flor que nasce da minha percepção empírica com o conceito ou ideia de rosa armazenado na minha memória – esse reconhecimento ou coincidência de ideias é o conhecimento, a certificação.

Parece que David Hume se enganou ao dizer que «**o acaso não é em si nada de real**», «**é apenas a negação de uma causa**». Só um fatalista pode fazer tal afirmação, e Hume parece não ser fatalista. **Para um não fatalista, o acaso é tão real como o determinismo ou conexão necessária de causas e efeitos e esse acaso, não podendo entrar na essência do determinismo, infiltra-se no espaço junto da malha deste, combina-se com o determinismo**. Assim, por exemplo, deixa-se cair uma bola plástica do alto de uma torre sobre um ponto determinado do chão mas o acaso de uma rajada de vento desvia a trajectória da bola e ela não cai no ponto em que era esperado bater. Este acaso que deriva de causas – uma delas a lei da gravidade que impõe a queda na vertical, outra o vento com direcção horizontal – **não é, talvez, tão imprevisível** como a queda repentina de uma árvore ou a eclosão de um sismo **mas é real. Possui tanta realidade como as leis de causa-efeito de cuja colisão ou intersecção é o resultado**.

ACEITAÇÃO NO BUDISMO ZEN (crítica a Eckhart Tolle)

Eckhart Tolle, escritor alemão residente no Canadá, de seu verdadeiro nome Ulrich Leonard Tolle (16 de Fevereiro de 1948), célebre difusor da filosofia Zen no Ocidente, insiste na tese de que **a infelicidade do ser humano advém do seu Ego, do corte que este opera com a natureza e a serenidade inerente a esta. O erro do homem é pensar sempre racionalmente** e catalogar as coisas segundo ideias preconcebidas, como, por exemplo, os dogmas religiosos. Tolle escreveu:

«Será que estou a dizer: “Aproveita este momento. Sê feliz”? Não.

«Deixe que o momento seja “como é”. Isso basta. Entregar-se é render-se a *este momento* e não a uma qualquer história que *o explique* e à qual se resigne depois.»

«Por exemplo, poderá acontecer uma doença que nunca mais lhe permita andar. A circunstância é como é.»

«Estará a sua mente a inventar agora uma história que diga: “Foi a isto que a minha vida chegou? Acabei numa cadeira de rodas. A vida tratou-me com dureza e injustiça. Eu não mereço isto”».

«Será que consegue aceitar que o momento *é assim*, sem o confundir com a história que a mente elaborou à volta dele?»

«A entrega surge quando deixar de perguntar: “Porque é que isto me está a acontecer”?»

«Mesmo na situação aparentemente mais inaceitável e dolorosa, oculta-se um bem mais profundo, e em qualquer infortúnio existe o sentimento da graça.»

«Ao longo da história tem havido homens e mulheres que, perante grandes perdas – a doença, o cativeiro ou a morte iminente – aceitaram o aparentemente inaceitável e assim encontraram “a paz que ultrapassa toda a compreensão”».

«A aceitação do inaceitável é a maior fonte de graças do mundo.» (Eckhart Tolle, *A voz da serenidade*, Editora Pergaminho, pp. 77-78).

Nestes pensamentos, é patente **a filosofia da resignação, estoica e cristã, que procura extrair o bem – a serenidade de espírito – da situação de «mal irreparável ou mal imediato mas reparável»**. No entanto, esta posição filosófica, preciosa para combater o stress da vida em sociedade, não é sempre válida. Tudo é relativo.

Uma criança perseguida por um pedófilo que quer abusar dela deve «aceitar o momento», ficar na passividade, ou deve reagir lutando, «rejeitando o momento», gritando ou fugindo do malfeitor? A resposta certa é: deve reagir, impedir o pedófilo de consumir o seu vício. Um trabalhador com 50 anos de idade deve aceitar passivamente o despedimento que, de súbito, cai sobre ele ou deve buscar novo emprego ou ir à manifestação de rua promovida pelo sindicato ou, pelo menos, pedir ajuda no centro de emprego ou no sindicato? Deve reagir e não aceitar passivamente.

A imobilidade que a filosofia da resignação acarreta é perigosa. Já Hegel dizia que o estoicismo era a filosofia dos escravos. Ainda recentemente na Índia, onde o cristianismo, – filosofia mãe dos direitos humanos universais, do socialismo, do comunismo e do anarquismo, como diria Nietzsche – penetrou pouco, centenas de milhar de pessoas adoeciam ou morriam nas ruas sem os devidos cuidados, porque a filosofia da indife-

rença e da aceitação de que o sofrimento dos outros se deve aos seus «karmas» está enraizada.

Se, como diz Tolle «a aceitação do inaceitável é a maior fonte de graças do mundo» então seria a maior fonte de graças do mundo aceitar o nazismo ou a ditadura comunista generalizados, o assassinato por “dá cá aquela palha”, a guerra entre países ditada por ambições económicas, a escravidão de mulheres e homens e crianças, etc. Não haveria que combater Hitler em 1939-1945 mas sim deixá-lo apoderar-se da Europa e nazificá-la, não haveria que combater Estaline e o Goulag. O **quietismo social, por cedência ante os mais fortes, seria a fonte das graças**. Esta visão, que no fundo é de salvação do Ego individual, é comum ao catolicismo tradicionalista, ao budismo, ao hinduísmo, ao taoísmo mas não se coaduna com o movimento da história. Resistir ao mal é um dever superior à aceitação desse mal.

A insuficiência da filosofia de Tolle reside no facto de minimizar, sob o lema da aceitação, os momentos verdadeiramente maus ou ilusoriamente bons do agora – e a vida está de facto contida no Agora – e propor a rendição ao momento presente, a esse «agora». Mas **o agora não subsiste sozinho: precisa do passado e visa o futuro, é hipocrisia absolutizá-lo, desconectá-lo dessas duas asas**.

Norman Vincent Peale escreveu:

«A lembrança é uma das maiores faculdades. A capacidade de reter informações e experiências é de vital importância. Contudo, é uma arte mais subtil a de poder expulsar do espírito – ou pelo menos de um lugar saliente nele – os fracassos, os acontecimentos e as coisas desagradáveis que devem ser esquecidas. É uma grande habilidade ter o dom de poder escolher o que é bom e dizer: “Vou guardar essa doce lembrança na memória. Quanto àquela outra, lança-la-ei longe de mim”. Para ser eficiente, feliz, poder ter absoluto domínio da força e progredir, é preciso aprender a esquecer». (Norman Vincent Peale, *Como confiar em si e viver melhor*, Editora Cultrix, pág. 123).

A vida é dialética: o tempo não se reduz apenas ao agora, o passado sobrevive como reservatório de informações e sustentáculo social e profissional, o futuro surge previsível em larga medida e não pode ser apagado, de todo, na fruição do presente.

Se um estudante, que recebe duzentos e cinquenta euros mensais para se alimentar e deslocar, os gastasse todos numa noite de orgia ou de casino, seguindo o princípio de «vive apenas o momento presente», como se aguentaria no resto do mês? Seria uma insensatez. Só a **visão holística do tempo** («Extraí ensinamentos do passado sabendo que este já não existe, vive o presente, o único real em termos físicos, e planeia o futuro») é a base da verdadeira serenidade.

ACIDENTE, EM ARISTÓTELES

Segundo Aristóteles, o **acidente** é aquilo que se produz, de **modo fortuito**, poucas vezes, numa substância, num fenómeno. Por exemplo, a cólera estampada num rosto habitualmente sereno, um livro pousado ocasionalmente numa mesa, a chuva num dia de verão são acidentes.

Aristóteles escreveu (o **negrito** é nosso):

«Pois bem, que **não é possível que haja ciência do acidente**, resultará evidente aos que tratem de captar o que é o acidental. Dizemos que tudo é, ou bem sempre e por necessidade (não a necessidade no sentido de “violência”, mas aquela de que fazemos uso no referente às demonstrações), ou bem a maioria das vezes, ou bem nem a maioria das vezes nem sempre e por necessidade, mas de modo fortuito: por exemplo, se na canícula faz frio, mas isto não sucede sempre e por necessidade, nem tampouco a maioria das vezes, mas em alguma ocasião pode suceder. Assim pois, **o acidente é o que se produz, se bem que nem sempre nem por necessidade, nem a maioria das vezes.**»

(Aristóteles, *Metafísica*, Editorial Gredos, Madrid, 2003, pág. 448).

ACIDENTE, EM HEGEL

Para **Hegel**, o **acidente é uma característica ou determinação da própria substância** – cada uma das faces do poliedro da substância, por assim dizer – sendo esta **constituída por** sucessivos e simultâneos **acidentes e pela essência fixa**. Mas para **Tomás de Aquino**, os **acidentes** opõem-se à **substância**, que é a parte fixa e imutável da essência, vêm justapor-se à substância, ainda que Aquino reconheça o **acidente inseparável** – o rir ou o chorar na *substância* rosto, o calor na *substância* fogo – e o **acidente separável** que vem adicionar-se à substância de forma fortuita, ocasional – por exemplo, o chapéu e o casaco na substância corpo humano.

«62. Todas as existências determinadas e condicionadas são determinações fenoménicas da substância e têm uma existência mutável e transitória: são *acidentes*. Constituem na sua totalidade a substância.»

«63. Os acidentes na sua multiplicidade representam as determinações contedais da substância na sua essencialidade, de modo que percorrem o círculo das circunstâncias inessenciais, das quais cada uma se ab-roga numa outra, e apenas se conserva a simples determinação substancial. A substância é o *poder* dos acidentes, enquanto estes se ab-rogam em si próprios, mas ao mesmo tempo em tal ab-rogação se revela o substancial.»

«64. Os acidentes enquanto *em si* contidos na substância são *possíveis*. A substância não é possível mas é a própria possibilidade.» (Hegel, *Propedêutica Filosófica*, Edições 70, pp. 233-234).

«67. A conexão dos acidentes na substância é a sua *necessidade*. Ela é a unidade da possibilidade e da realidade efectiva. A necessidade é cega, enquanto a conexão é algo de meramente interno ou enquanto o efectivamente real não é ao mesmo tempo dado como *unidade* existente em si das suas determinações, como fim, mas resulta apenas das relações das mesmas.» (ibidem, pág. 235).

Em termos práticos: para Hegel, o rosto de uma pessoa com 16 anos de idade é, na medida em que muda, um acidente, do mesmo modo que o rosto dessa pessoa aos 24 anos de idade é acidente e *ab-roga* (suprime) o anterior; o rosto dela aos 45 anos é outro acidente assente na substância, na forma permanente. Contudo, a **essência** física da pessoa (algumas linhas gerais que se conservam em princípio até à morte) mantem-se inalterável e constitui o fundo oculto de toda essa evolução do rosto da pessoa, em sucessivos acidentes ou configurações transitórias que formam a **substância** ou seja a essência em movimento acompanhada de acidentes. Em suma: essência+acidentes=substância.

Ver **ESSÊNCIA, EM HEGEL, DIFERENTE DA ESSÊNCIA, EM ARISTÓTELES**

ACIDENTE, EM TOMÁS DE AQUINO

O **acidente** é a determinação ou **característica** que se manifesta **ocasionalmente** numa essência, e que pode ser **interna** ou **externa** a esta. Tomás de Aquino entende que os acidentes são **incompletos** na sua **essência**, visto que só subsistem inseridos num **substante**, pedestal de apoio (exemplo: uma borbulha, que é *acidente*, não subsiste sózinha mas sim inserida no *substante* que é a pele do rosto).

«...É necessário que os acidentes tenham essência tal como têm definição. Mas têm definição de uma forma incompleta, pois não podem ser definidos a não ser que se ponha um substante na sua definição. Isto acontece porque eles não têm o existir por si mesmos, independente do substante. Por outra parte, tal como da forma e da matéria resulta um existir substancial, ao constituírem um composto, assim do acidente e do substante resulta um existir accidental, quando o acidente sobrevém ao substante» (Tomás de Aquino, *O Ente e a Essência*, Contraponto, Porto, 1995, página 96).

E continua a elucidar assim, em o *Ente e a Essência*, a natureza dos **acidentes**, dividindo-os em duas categorias, os **derivados da forma** e os **derivados da matéria** (o **negrito** é de nossa autoria):

«Visto que as partes da substância são a matéria e a forma, **alguns acidentes resultam principalmente da forma, e outros da matéria**. Encontramos porém uma forma cujo existir não depende da matéria, a saber, a alma intelectual. Já a matéria não existe senão pela forma. Por isso, nos acidentes que

resultam da forma há um que não tem comunicação com a matéria, como é o caso do intelecto, que não se efectua através de um órgão corporal, conforme o filósofo demonstra no terceiro livro de *A Alma*. Outros há, porém, dos que resultam da forma, que comunicam com a matéria, tal como a sensação.»

«Encontramos, porém, certa diversidade nos acidentes que derivam da matéria. Efectivamente, **alguns acidentes acompanham a matéria de acordo com a ordem que ela manifesta para uma ordem particular, como o masculino e o feminino** nos animais. A diversidade destes (acidentes) assenta na matéria, como se diz no X livro da *Metafísica*, e por isso, afastada a forma animal, os referidos não se mantêm a não ser de maneira equívoca. **Outros porém acompanham a matéria de acordo com a ordem que ela manifesta para uma forma geral.** E em consequência, afastada a forma particular, eles ainda se mantêm na matéria. É o caso da negrura de pele no etíope, que provém da combinação dos elementos, e não da constituição da alma. É por essa razão que se mantêm neles após a morte». (ibid, pág. 98).

Tomás de Aquino apresenta, pois, quatro tipos de acidentes divididos em duas espécies.

Acidentes que derivam da forma:

1) O **pensamento**, certamente entendido como **sucessão de ideias, juízos diversos**, raciocínios. Exemplo: «Neste instante penso em Deus, a seguir penso na matéria-prima, e depois penso na alma» (cada uma destas ideias é um *acidente* do pensamento que em si mesmo é substância, o permanente).

2) A **sensação**, na medida em que é uma conjunção entre a alma sensitiva e os estímulos da matéria exterior. A sensação dá-se na **alma (forma)** mas exprime-se na matéria do corpo e está em comunicação com o mundo material. Por exemplo: o rir e o chorar, o ver e o ouvir, etc

«Por seu turno, os acidentes que derivam da forma são qualidades próprias do género e da espécie. Por esta razão, encontramos-los em todos os que participam da natureza do género e da espécie, como a capacidade de rir que no homem acompanha a forma, pois o riso acontece por uma percepção da alma»

(Tomás de Aquino, *O Ente e a Essência*, Contraponto, Porto, 1995, página 99).

Acidentes que derivam da matéria:

1) Os que revestem uma forma particular, não singular.

O exemplo dado, num texto de Aquino abaixo, é o dos sexos, masculino e feminino.

2) Os que revestem uma forma geral.

O exemplo dado, no texto abaixo, é a cor da pele que se manteria nas pessoas mesmo após a morte. **Não há grande clareza nisto, comparado com a**

alínea anterior, pois pode-se argumentar que os acidentes sexuais também se mantêm depois da morte: durante algum tempo, distingue-se entre o cadáver de uma mulher e o de um homem.

3) Os que são singulares e distinguem cada indivíduo de outro da mesma espécie.

Por exemplo, o nariz, a côr e o formato dos olhos, a testa, o queixo distinguem, entre si, os indivíduos. São acidentes que individualizam.

«Tudo o que é por natureza é anterior ao que é por acidente. Como se estabelece que Deus é absolutamente o primeiro ser (questão 2 a.3), Nele não pode haver nada por acidente. Nem sequer os *acidentes por si* podem dar-se Nele, como o rir é no homem acidente *por si*. Porque este tipo de acidentes são causados pelo sujeito, mas em Deus nada pode ser causado, já que Ele é a causa primeira. Donde se conclui que em Deus nada há de accidental (Santo Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, Parte I, Biblioteca de Autores Cristãos, pág. 120).

Portanto, em Deus não há acidentes, apesar de se tratar de um ser único individual:

«E é porque cada realidade se individualiza pela matéria, e é colocada no seu género ou espécie pela forma, que os acidentes que derivam da matéria são individuais e diferenciam os indivíduos respectivos de uma espécie.»

(Tomás de Aquino, *O Ente e a Essência*, Contraponto, Porto, 1995, pág. 99).

O pensamento de Tomás de Aquino é **mecanicista** (no sentido de fragmentador), antidialéctico, ignora a lei do uno e a lei da participação mútua dos contrários (tudo se relaciona, em todo o *Yang* há *Yin* e em todo o *Yin* há *Yang*): não é correcto classificar os acidentes como tendo uns por essência a forma e os outros por essência a matéria. É um erro grave que se exprime no seguinte.

«*E é porque os acidentes não se compõem de matéria e forma* que neles o género não pode ser tomado da matéria, nem a diferença da forma, como nas substâncias compostas, mas o primeiro género deve ser tomado do próprio género de existência, tendo em vista que o ente se diz de vários modos nas dez categorias consoante o antes e o depois».

Neste assunto de acidentes, outra das grandes críticas ao pensamento de Tomás de Aquino expresso em «O Ente e a Essência» *centra-se no facto de ele não ter considerado de forma relacional ou dialéctica o conceito de acidente: na verdade todo o acidente é um substantivo em si mesmo; é acidente em relação a outro substantivo (exemplo: os óculos são um acidente em relação ao substantivo rosto mas, em si mesmos, são um substantivo).*

É essa mesma lacuna que o faz **negar que os acidentes entrem em espécie ou género:**

«Mas do acidente e do substantivo não procede uma unidade por si mesma, e assim, da sua junção não resulta qualquer natureza a que se possa atribuir o conceito de género ou de espécie. Por conseguinte, os termos que referem os acidentes de maneira concreta não podem ser classificados numa categoria como espécies ou géneros – por exemplo, «branco» ou «músico» – excepto por redução, mas apenas enquanto se exprimem em abstracto, como por exemplo «brancura» e «música», (*«O Ente e Essência»*, Contraponto, pág. 100).

Isto é um erro: se ser músico é acidente em relação ao conceito de Homem, então os milhões de músicos que existem no planeta inserem-se na espécie “Músico”. Portanto, os acidentes podem ser agrupados em espécies. Do mesmo modo, para borbulha, que é um acidente no rosto: os dermatologistas classificam diferentes espécies de borbulhas, que portanto se inserem em diferentes espécies.

O paralogismo do pensamento de Aquino é ter considerado o acidente com essência incompleta e afirmar que não possui forma nem matéria, quando deveria ter antes dito que o acidente tem essência completa mas existência secundária, fortuita, dependente de um substantivo.

Ver **ACIDENTE E COMPLEMENTO**, EM *TOMÁS DE AQUINO*

ACIDENTE E COMPLEMENTO, EM *TOMÁS DE AQUINO*

Tomás de Aquino distingue **dois tipos de acidente**, no que toca à posição em relação à essência (dentro ou fora desta): o **acidente inseparável**, interno à essência, e o **acidente separável** ou **complemento**, exterior à essência.

«Deve também notar-se que algumas vezes os acidentes são causados pelos princípios essenciais segundo um acto perfeito, como por exemplo, o calor no fogo, que é sempre quente em acto. Outras vezes porém apenas quanto a uma aptidão, recebendo esses agentes do exterior o seu complemento, como por exemplo a diafanidade do ar, que é completada por um corpo exterior luminoso. Nestes casos, a aptidão é um acidente inseparável. Já o complemento, que vem de algum princípio exterior à essência da coisa ou que não entra na constituição dela, é separável, como o movimentar-se, e coisas semelhantes.» (Tomás de Aquino, *O Ente e a Essência*, Contraponto, Porto, 1995, pág. 99).

O primeiro exemplo refere o calor como acidente do fogo que, *em acto*, é sempre quente. Então por que razão há-de ser o calor um acidente e não uma determinação ou característica do substantivo fogo? A menos que haja um fogo frio, em potência, conceito que circulou na Idade Média.

Medite-se no segundo exemplo dado por Tomás de Aquino, referente à transparência do ar. *Substância*: o ar. *Acidente inseparável ou interno*: a diafanidade do ar. *Acidente externo ou complemento* (que permite tomar consciência do acidente interno, neste caso, a transparência do ar): o sol ou outro corpo luminoso exterior.

O terceiro exemplo é um erro: o movimentar-se, segundo este texto de Aquino, é um complemento ou acidente separável da essência homem. Não é assim, de facto: o *movimentar-se* é um **acidente interno, inseparável**, pertence à essência de homem, e simultaneamente implica um **complemento**, o espaço exterior ao corpo humano, a luz, o ar.

ACIDENTE E SUBSTÂNCIA, EM RAMON LLULL

Ramon Llull difere de Tomás de Aquino na caracterização de acidente: coincidem em afirmar que não subsiste por si, sem o substantivo, mas Llull **integra o acidente na substância** ao passo que Aquino não.

«1. Há no homem cinco *substâncias*, que são a elementativa, a vegetativa, a sensitiva, a imaginativa e a racionativa, as quais constituem nele uma só *substância*, na qual mantém cada uma os seus próprios *acidentes*.»

«2. Os da elementativa são a quentura, a frieza, a humidade, a secura, o peso, a leveza, etc. Os da vegetativa, a amargura, a doçura, a atractiva, a retentiva, a digestiva, a expulsiva, a generativa, a corruptiva, a nutritiva, a aumentativa, a alterativa, etc. Os da sensitiva, o peregrino ver, cheirar, ouvir, saborear, tocar e falar e também deleitar-se sentindo, cheirando, saboreando, tocando, etc.; os da imaginativa, os objectos que imaginando abstrai das coisas sensíveis, como por exemplo, da pedra, fonte, etc; os da racionativa, são entender, amar e recordar a fonte, leão, etc, justiça, avareza, e assim com as demais virtudes e vícios.»

«3. Considera também o entendimento no homem as *substâncias* menores e os seus *acidentes*: as substâncias como a natural bondade, grandeza, duração, poder, entendimento, virtude, verdade e glória; e os seus *acidentes*, como a bondade, que é acidente da grandeza, duração, etc.» (...).

«4. Ademais considera o entendimento que no homem há *acidentes* de outro género que são as coisas contingentes e que sucedem por casualidade e fortuna, como perder dinheiro ou achá-lo, etc, e dizem-se contingentes, porque o dinheiro não foi antes detectado pelos sentidos, nem pela imaginação, nem pelo próprio entendimento.» (...).

«6. De novo volta a *ascender* o entendimento inquirindo se o acidente é *ser* ou *essência*. E *descendo* ao tacto, que toca a frieza, e à vista, que vê a cor, conhece que o frio é o *ser habitual* da frieza, e o colorido o *ser habitual* da cor, e que o *acidente* por si não tem ser, porque é uma essência abstracta que só tem ser no sujeito em que se sustenta.»

(Ramon Llull, *Ascenso y descenso del entendimiento*, citado in Clemente Fernandez S.I., *Los filósofos medievales, Selección de textos*, volume II, Editorial Católica, Madrid, 1979, pp. 977-978).

Note-se que, em particular neste pensamento 6, o acidente é classificado como **essência abstracta** que não tem **ser em si**: só tem **ser no sujeito** de que é acidente. Llull entende por ser a existência concreta, material.